

“Falam mal de mim, eu acho graça...”: os *malditos* “pós-tropicalistas”

Sheyla Castro Diniz*

Iconoclasta. Desregrado. Contracultural. À margem de uma estética dominante. Em busca da obra *sui generis*... Eis o *maldito*. Esse termo, cujas definições são controversas, abarcou músicos e compositores situados no imediato pós-AI-5 e pouco integrados à lógica racional e mercantil da indústria fonográfica, tais como Jorge Mautner, Jards Macalé, Luiz Melodia, Carlos Pinto, Walter Franco e Sérgio Sampaio. Herdeiros do Tropicalismo, eles alcançaram vendas irrisórias de discos e um segmento de público reduzido. Discuto as controvérsias implicadas no referido termo e trago à tona alguns embates envolvendo esses artistas e o mercado fonográfico da época. Dou destaque, sobretudo, para a figura de Sérgio Sampaio, compositor que muito embora tenha conquistado um relativo sucesso com sua marcha-rancho “Eu quero é botar meu bloco na rua”, nunca conseguiu se desvencilhar do rótulo de *maldito*.

Palavras-chave: Mercado fonográfico, “Pós-tropicalismo”; Contracultura; Músicos *malditos*; Sérgio Sampaio.

* Doutoranda em Sociologia da Cultura pela Unicamp. Mestre em Sociologia da Cultura pela mesma instituição. Autora da dissertação de mestrado “*Nuvem cigana*”: a trajetória do Clube da Esquina no campo da MPB. Graduada em Música (instrumento violão) e em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.